

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

237

INSCRIÇÕES 819-821



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



REVISITANDO IRCP 194

Mais uma vez se usa o *Ficheiro Epigráfico* não para dar a conhecer uma inscrição inédita, mas para completar a leitura de uma que foi mui parcialmente dada a conhecer, de tal modo que a poderíamos agora considerar inédita no seu conjunto.

Descreveu-se em IRCP 194¹ a parte superior de uma ara funerária de mármore, que se estudara, em Abril de 1978, «junto à parede do cemitério de S. Romão do Sado» (freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal).

Num manuscrito consultado por Marta Páscoa² no Arquivo Municipal de Beja³, está, todavia, a informação completa acerca desta epígrafe, acompanhada, aliás, de uma história que vale a pena partilhar.

Conta o autor do manuscrito, o erudito Frei Francisco de Oliveira, na p. 7, que, «descobrimo-se, ao derribar da igreja velha, uma pedra na qual se achava, de um lado, esculpido um

¹ IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 1984. [O número indica o número da inscrição no catálogo].

² PÁSCOA (Marta Cristina Relvas Janeiro), *Fr. Francisco de Oliveira – A escrita da História Regional e Local no século XVIII* [Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – Departamento de História – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa], Lisboa, 2002. 2 volumes.

³ OLIVEIRA (Fr. Francisco), *Memórias para a História da Província do Alentejo divididas em duas partes. Comprehende a primeira a fundação da cidade de Beja e de todas as terras do seu dilatado termo. Descreve a segunda as vilas e aldeyas que se encerram dentro da sua extença comarca*. Manuscrito sem data. Arquivo Municipal de Beja (Fundos Vários nº 8, caixa 2).

jarro e, do outro, uma garrafa e estas letras» – e dá a leitura que se citará de seguida – «o cura de S. Romão do Sado, Francisco Dias Louro», «bom clérigo», «construía» do letreiro a seguinte interpretação:

Esta igreja de S. Romão foy edificada no ano 17 de Cristo por D. Manoel Silimario Casiano da família dos Salemas (Páscoa, II vol. p. 27).

Frei Francisco, ao invés, estando na razão, traduzia:

«Que vem a ser: Memória consagrada aos deozes dos defuntos. Lucio Mario Cassiano faleceu de 17 anos aqui está sepultado seja-lhe a terra leve».

A versão dada pelo frade permite-nos, pois, reconstruir o monumento completo:

D(is) (hedera) M(anibus) (hedera) S(acrum) / L(ucius) ·
MARIVS / CASSIANVS / ANNOR(um) XVII (septem et decem)
/ H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Mário Cassiano, de 17 anos. Que a terra te seja leve.

Em relação ao que se publicou, em 1984, a propósito da ocorrência do *nomen Marius*, confirma-se poder ter sido uma das famílias relevantes de *Salacia*, tendo-se contado na Lusitânia, aquando da realização do *Atlas Antroponímico*⁴, 25 testemunhos.

Cassianus, por seu turno, não atingia a dezena de ocorrências (*ibidem*, p. 135 e mapa 79), com relativa predominância na zona ocidental. Kajanto⁵ incluiu *Cassianus* entre os *cognomina* com mais ocorrências no contexto do Império; formado a partir do gentílico *Cassius*, identificava de modo especial libertos – o que não é o caso aqui, dado que a identificação com *tria nomina*

⁴ NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, p. 230, mapa 195.

⁵ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, p. 35 e 144.

sem filiação e *cognomen* etimologicamente latino indicia um indígena romanizado.

O que o cura interpretou como sendo uma garrafa é a pátera, que estava em relevo na face lateral direita da ara.

Os elementos novos que ora permitiram ter a leitura completa da epígrafe confirmam a datação atribuída: 2ª metade do século I da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ⁶



⁶ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.